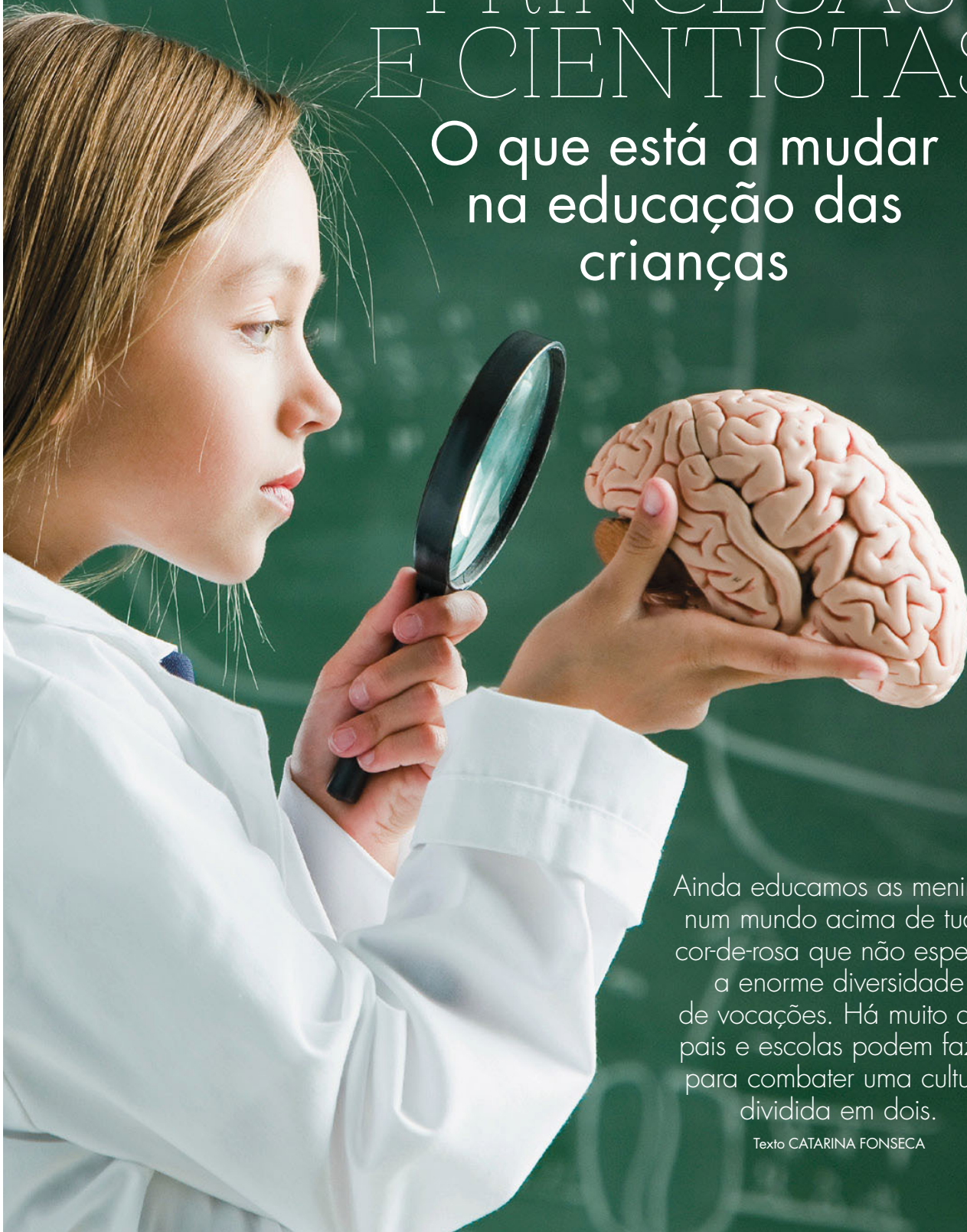


PRINCESAS E CIENTISTAS

O que está a mudar
na educação das
crianças



Ainda educamos as meninas num mundo acima de tudo cor-de-rosa que não espelha a enorme diversidade de vocações. Há muito que pais e escolas podem fazer para combater uma cultura dividida em dois.

Texto CATARINA FONSECA

É um dado que a maioria de nós não conhece: Portugal é o país da União Europeia com mais mulheres em cursos de ciências. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), 57% dos alunos em áreas científicas são mulheres, acima da média, que é de 39%. No entanto, as engenharias e tecnologias de informação continuam imbativelmente masculinas: em Portugal, a proporção de mulheres diplomadas nestas áreas caiu de 26% para 20%. Por outro lado, uma coisa são estudantes, outra trabalhadoras, e outra ainda cargos de direção. Segundo o Eurostat, Portugal é o quarto país da União Europeia que emprega menos mulheres na área das Tecnologias de Informação (apenas 14%) e apenas 13% são reitoras ou presidentes de uma universidade.

Tradicionalmente, os maiores modelos de carreira eram – e continuam a ser – os professores, mas enquanto a esmagadora maioria dos professores no ensino secundário são mulheres, no Superior o caso muda de figura. E embora possa haver muitas mulheres em ‘ciências’, ainda há muitas áreas em que a presença feminina é escassa, o que podia mudar com uma educação mais abrangente. Continuamos a educar as meninas em estereótipos antiquados: chamamos-lhes princesas, oferecemos kits de maquilhagem e damos como exemplo de vida as influencers de moda (e quando não damos, elas chegam lá sozinhas, pela visibilidade destas áreas). Como resolver este paradoxo?

LUTAR CONTRA O ESTEREÓTIPO

“É inegável a produção de estereótipos por todo o lado, principalmente nos catálogos de brinquedos”, confirma a socióloga Ana Cristina Santos. Investigadora Principal no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, estuda questões de género e direitos humanos, e coordena o projeto DaC – ‘Diversity and Childhood: transformar atitudes face à diversidade de género na infância no contexto europeu’ (que procura diagnosticar e combater a discriminação que afeta crianças e jovens LGBTI). E está habituada a descodificar todo este paradoxo entre raparigas e o lugar que ainda lhes reservamos.

“São raros os brinquedos apresentados como independentes de género”, nota. “A indústria está assim dividida, e a sociedade reproduz esta divisão. Sim, temos um número crescente de mulheres na ciência: é um paradoxo? A questão é esta: não basta termos mulheres na ciência, têm de ter reconhecimento. Ainda há um longo caminho a percorrer. Ainda achamos que as mulheres são mais sensíveis, com mais jeito para profissões sociais... E isto é visto como um elogio.”

O problema tem de ser visto para lá da superfície: “Muitas vezes não nos apercebemos de que tudo isto serve um regime de género, porque ainda vivemos

num sistema patriarcal. Isso ainda não passou e é flagrante”, explica Ana Cristina Santos. “Fico perplexa quando as pessoas me dizem que isso era antigamente e me falam da Thatcher e da Merkel. Ora o facto de haver exceções não contraria essa tendência. Se fosse a regra, não tínhamos essas exceções na ponta da língua.

TODOS PODEM SER TUDO

Há muito que as famílias e as escolas podem fazer para continuar a incentivar as raparigas (e os rapazes) a desenvolverem as suas aptidões, sejam científicas ou outras. Como é que se faz isto? “Com livros que falam de mulheres cientistas, por exemplo. As nossas referências continuam a ser muito masculinas, mas os modelos femininos existem. Por exemplo, a Greta Thunberg ou a Malala. Mas precisamos de mais, e todos nós temos de fazer este trabalho.”

Ou seja, em vez de empurrar uns e outros para mundos diferentes, mostrar-lhes que podem ser o que quiserem: “Quando orientamos as meninas para serem princesas e os meninos cientistas, não há nada de errado com qualquer dos mundos, o que há de errado é essa divisão, como se todos não pudessem ser tudo. E isto pode limitar fortemente o potencial humano destas crianças.” Quando estamos a empurrar uma rapariga para as maquilhagens e para as princesas, o que estamos implicitamente a dizer-lhes é que elas não têm legitimidade para serem bombeiras, por exemplo. “Uma rapariga pode vir a sê-lo, de facto, mas tem de dar explicações que, se escolhesse uma profissão mais ‘feminina’, não seriam pedidas. E o mesmo acontece com os rapazes, para quem isto inclusive pode ser ainda mais duro precisamente porque vivemos num sistema patriarcal e homofóbico onde o tradicional é valorizado acima de tudo.”

Nesta complicada teia de divisões culturais há ainda um aspeto totalmente novo: uma viragem antigénero muito forte. “A vaga antigénero é um pânico espalhado por decisores políticos que defendem que as crianças não podem ser expostas à diversidade sexual porque isso é nocivo ao seu crescimento”, explica Ana Cristina Santos. “Como diz a ministra do Brasil, ‘menina veste rosa, menino

veste azul’ e qualquer coisa que contrarie esta ‘divisão natural’ é anunciado como perturbador e lesivo da criança. Lá está, afirmam, porque depois ficam gay. Como se isso se pegasse, e como se fosse mau.”

Inclusivamente, há marcas de roupa que aproveitaram a onda e lançaram coleções unissexo. “Pode ser uma estratégia de marketing, mas a verdade é que tudo aquilo que sirva para sensibilizar a ideia de que as pessoas são pessoas, independentemente do género e da raça e da orientação sexual, é bom”, nota Ana ➤

57%
Dos alunos
em áreas
científicas
são raparigas
OCDE

“Quando estamos a empurrar as meninas para serem princesas e os meninos cientistas, não há nada de errado com qualquer dos mundos, o que há de errado é essa divisão, como se todos não pudessem ser tudo.”

Ana Cristina Santos, socióloga

Cristina Santos. “Tudo o que chame a atenção para o disparate que é estar a dividir as crianças em relação àquilo que queremos que elas sejam é bom.”

Claro que nem todos os pais se deixam levar pela cultura da divisão de género e já há muitos que dão aos filhos a experiência de um mundo mais vasto, para que possam desenvolver-se com mais liberdade. Sara Sá, jornalista da Visão e especialista na área científica, formou-se no Instituto Superior Técnico em engenharia aeroespacial. Hoje tem dois filhos: um rapaz de 12 e uma filha de 14 anos que ameaça seguir as suas pisadas. E defende que, basicamente, as coisas dependem mais dos próprios miúdos do que de serem ou não educadas para serem ‘princesas’. “Nunca empurrei a Marta para mundos muito ‘femininos’ e ela própria fez as suas escolhas: detesta ir às compras e é zero vaidosa. Ainda no outro dia estava no refeitório e ouviu uma rapariga dizer para outra: ‘Quem podia ser gira se se vestisse melhor era a Marta’. Mas o engraçado é que ela não ficou triste nem se ofendeu. Não ligou nenhuma. Aquilo era apenas uma piada.” Obviamente que esta família não espelha a grande maioria das famílias portuguesas: a Marta faz circo, quer estudar física tecnológica, lê muito, mas cresceu num ambiente em que os pais sempre incentivaram as meninas a serem o que quiserem. A própria Sara diz que sempre adorou matemática. A matemática e o pensamento lógico têm a ver com o sexo? “Acho que não. Sinceramente, acho que tem mais a ver com educação do que com biologia. Aliás, independentemente do curso que se escolhe, o pensamento lógico tem de fazer parte da educação de uma criança juntamente com o gosto pela leitura, pela música, pelo desporto, e alimentação equilibrada. Aliás, conheço várias pessoas que não é por terem feito carreiras científicas que fazem mais uso do pensamento lógico, e pessoas sem nenhuma formação científica que pensam racionalmente no dia a dia.”

Com dois filhos muito diferentes, Sara Sá já percebeu que a história de as meninas terem mais jeito para letras do que para matemática também é mito. “Por exemplo, a minha filha é a pessoa mais racional

que eu conheço, e o irmão é muito mais fantasioso e imaginativo.”

E sim, é possível educar para a ciência sem matar a fantasia. “Independentemente da educação, os miúdos têm a sua personalidade. As minhas principais opções na educação deles são a alimentação, lavar os dentes, e o pensamento lógico. (risos) É o que eu lhes quero deixar. A minha filha nunca acreditou no Pai Natal, e o irmão aos 6 anos acreditava na Fada dos Dentes. As fadas para ele eram absolutamente reais.”

Mas também se habituou a ver as coisas no seu contexto, e a perceber que as escolhas são feitas num mundo muito mais antigo e vasto do que pensamos. “Claro que as mulheres tradicionalmente escolhem cursos ligados às humanidades”, explica. “Se ainda há pouco tempo não podiam ter contacto profissional com o corpo masculino nem eram aceites ou bem vistas em profissões ‘masculinas’, claro que havia carreiras que lhes estavam vedadas. Mas a partir do momento em que estas barreiras começaram a desaparecer, vemos cada vez mais mulheres em todas as áreas.”

EDUCAR PARA A CIÊNCIA, EDUCAR PARA A FANTASIA

Sara Sá recorda, rindo, que havia poucas raparigas no seu curso, engenharia aeroespacial no Instituto Superior Técnico. “Éramos cinco raparigas para 30 rapazes. Mas isso tem vindo a mudar muito, e, por exemplo, em medicina o rácio já é de 70 raparigas para 30 rapazes.” Já há três grandes institutos liderados por mulheres: o Gulbenkian Ciência, o Instituto de Medicina Molecular e a Fundação Champalimaud. Portanto, as mulheres estão dispostas a assumir responsabilidades. O que é preciso é que o sistema esteja pronto para as receber. “Na carreira universitária, além de ser um meio muito masculino, o grande problema é que não há renovação”, defende Sara Sá. “Há muitos anos que não há contratações novas e assim é difícil que as mulheres prossigam na carreira. Mas é uma questão de tempo: acredito que em ciência as próximas gerações vão ser maioritariamente mulheres.”

Acredita que a nova geração vai ser diferente das anteriores também na sua abertura à diversidade. “Enquanto nós ainda nos preocupamos com coisas como, se é homem, se é mulher, se é gay ou hetero, para os miúdos mais novos essas diferenças já não fazem sentido.” Há quem não seja tão otimista e alerte para a necessidade de continuar ‘a luta’ contra os estereótipos. “Esta geração vai ser diferente? Não sei”, reflete a socióloga Ana Cristina Santos. “Tenho uma filha de dez anos. No Centro de Estudos Sociais fazemos muitas sessões em escolas sobre temas de género e sexualidade, e no outro dia ela disse: ‘Ó mãe, quando fores à minha escola por favor não fales tanto de lésbicas.’ (risos) Porque isso na escola é o pior insulto. Portanto, não nos iludamos que o preconceito e a discriminação estão a desaparecer só porque queremos acreditar que sim. Não estão.”